

A CORRUPÇÃO COMO INSTRUMENTO DISCURSIVO DO POPULISMO

Theófilo Codeço Machado Rodrigues (UENF)

Theofilomachadorodrigues@gmail.com

EJE 19: Transparencia, Corrupción y Rendición de Cuentas

"Trabajo preparado para su presentación en el X Congreso Latinoamericano de Ciencia Política, de la Asociación Latinoamericana de Ciencias Políticas (ALACIP), em coordinación con la Asociación Mexicana de Ciencias Política (AMECIP), organizado en colaboración con el Instituto Tecnológico de Estudios Superiores de Monterrey (ITESM), los días 31 de julio, 1, 2 y 3 de agosto de 2019".

Resumo

O uso eleitoral do discurso de combate à corrupção não é um acontecimento recente na história política da maior parte dos países ocidentais. O que talvez seja um fenômeno atual é a forma como nesse início de século XXI essa narrativa passou a ser utilizada simultaneamente por candidaturas que se consagraram vitoriosas em diferentes localidades. Bolsonaro no Brasil, Trump nos Estados Unidos, Obrador no México e a Liga e o Movimento 5 Estrelas na Itália são alguns exemplos de projetos políticos com sucesso eleitoral que adotaram essa narrativa, sob um tipo de articulação política que Ernesto Laclau chama de populismo.

Palavras-chave: Corrupção; Populismo; Partidos Políticos

Introdução

O uso eleitoral do discurso de combate à corrupção não é um acontecimento recente na história política da maior parte dos países europeus e americanos. O que talvez seja um fenômeno atual é a forma como nesse início de século XXI essa narrativa passou a ser utilizada simultaneamente por candidaturas que se consagraram vitoriosas em diferentes localidades. Jair Bolsonaro no Brasil, Donald Trump nos Estados Unidos, López Obrador no México e a Liga e o Movimento 5 Estrelas na Itália são alguns exemplos de projetos políticos com sucesso eleitoral que adotaram essa narrativa. Esses projetos podem ser considerados populistas no sentido que Ernesto Laclau deu ao termo. O presente artigo aplica a teoria política de Laclau nesses estudos de caso e demonstra como essa prática discursiva é recorrente tanto em populismos de esquerda quanto de direita.

O artigo está dividido em cinco seções. A primeira apresenta o conceito de populismo na obra de Laclau. As quatro seções seguintes trazem para a análise estudos de caso. Os três primeiros casos trazem exemplos de experiências recentes de vitória eleitoral do populismo de direita: Trump nos Estados Unidos, Movimento 5 Estrelas e Liga Norte na Itália, e Bolsonaro no Brasil. O último caso é o do populismo de esquerda de López Obrador no México.

O populismo em Ernesto Laclau

Em 2005, o argentino Ernesto Laclau publicou em Londres *A razão populista*, livro que chegou ao Brasil em 2013. Nele, Laclau propôs uma resignificação do conceito de populismo que logrou certo sucesso e passou a ser adotado a partir de então de forma exponencial, tanto por analistas quanto por atores políticos. O populismo em Laclau não pode ser observado sob uma chave positiva ou negativa, mas sim como um método de construção do político; não se trata de um conteúdo específico ou de um tipo de ideologia, mas de uma forma complexa de articulação de demandas em determinada formação social.

O populismo pressupõe a construção retórica de uma noção de “povo” que se opõe a um determinado inimigo. Aqui, a ideia de “nós” *versus* “eles”, em que o

“nós” é o “povo” é fundamental. Esse “nós” *versus* “eles” pode ser o proletariado contra a burguesia, os nacionais contra os imigrantes, os brancos contra os judeus, os progressistas contra os misóginos, racistas e homofóbicos *etc.* Mas como se forma esse “nós”, como se forma o sentido de “povo”? Laclau observa que em determinados momentos da história algumas demandas sociais não são atendidas pelo *establishment*, pelo sistema político. Embora diferentes, essas demandas possuem uma lógica de equivalência: o fato de não serem atendidas pelas instituições. Essa lógica da equivalência articula as demandas umas às outras em torno da ideia de “povo”. Contudo, para que possa se portar de modo consolidado é preciso que essas demandas encontrem uma representação simbólica que as sintetize, aquilo que Laclau chamou de um “significante vazio”. Esse “significante vazio”, no populismo, é, em geral, o nome do líder carismático.

Como o populismo não possui um conteúdo específico, pode ser considerado de esquerda ou de direita em cada formação social e histórica onde ocorre. No caso latino americano do início do século XXI, esse populismo, de acordo com Laclau, foi claramente mais identificado com a esquerda do espectro ideológico. Segundo o autor, na América Latina “o populismo está ligado à ascensão de regimes de esquerda e se fundamenta na construção de uma ordem nacional e popular que rompa com os ditames do Consenso de Washington” (LACLAU, 2013: 21). Já na Europa Ocidental, o populismo do século XXI tem se baseado na xenofobia e no repúdio aos imigrantes, salientou Laclau na introdução à edição brasileira. Ou seja, pouco importa o conteúdo, do ponto de vista analítico, o relevante é a observação de como se dá a articulação daquilo que o autor chama de corte populista.

De qualquer maneira, seja de esquerda, seja de direita, decisivamente o populismo se constitui sempre em torno de um corte. Em certo momento, o sistema institucional vigente entra em obsolescência e mostra sua incapacidade de absorver as novas demandas sociais pelas vias tradicionais; em decorrência disso, tais demandas tendem a se aglutinar fora do sistema, num ponto de ruptura com o sistema. É o corte populista (LACLAU, 2013: 21).

Como Laclau faleceu em 2014, não teve a oportunidade de observar de forma mais sistemática o crescimento do populismo de esquerda na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. De certo modo, quem assumiu essa tarefa foi sua parceira intelectual e esposa, a cientista política belga Chantal Mouffe. Entusiasta das novas forças de esquerda que emergem na Europa ocidental e nos EUA, Mouffe vem concedendo nos últimos anos diversas entrevistas onde as enquadra analiticamente como “populismos de esquerda”. Do ponto de vista conceitual, fica claro como Laclau identifica, em *A razão populista*, o populismo como uma forma de construção da política, despido, portanto, de qualquer conteúdo¹. Mas isso não quer dizer que Laclau não tenha sua aposta ou preferência normativa pelo “populismo de esquerda”. Pelo menos desde 1985, quando publicou com Mouffe *Hegemonia e estratégia socialista*, os dois autores advogam em favor de um projeto político que chamaram de “democracia radical”. “Defendemos que as lutas contra o sexismo, o racismo, a discriminação sexual e em defesa do meio ambiente, precisam ser articuladas às dos trabalhadores num novo projeto hegemônico de esquerda”, sintetizaram os autores (LACLAU e MOUFFE, 2015: 47). Essa agenda é certamente semelhante àquela das forças políticas que Mouffe define como populista de esquerda. Para Mouffe, “o desenvolvimento de um populismo de esquerda é o único caminho de luta contra o sucesso crescente do populismo de direita”².

Como se percebe, não há em Laclau e Mouffe uma ontologia privilegiada do proletariado como há no marxismo ortodoxo: o sujeito que conforma o “povo” pode ser construído a qualquer momento pela união de diferentes demandas, podendo ou não a classe ser uma delas. Não que os dois sejam alheios às demandas de classe. Suas origens no marxismo não estão completamente apagadas em suas obras de maturidade. Apenas não consideram que a classe ocupe lugar privilegiado na construção da política; trata-se de somente uma demanda a mais dentre tantas

¹ Apenas do ponto de vista conceitual, do ponto de vista da lógica da articulação política, que entendemos o populismo como “despido de conteúdo”. Quando essa lógica articulatória se realiza em determinada formação social, o populismo passa a ter um conteúdo, pode ser de esquerda ou de direita, por exemplo.

²The European, 15.01.2014. Tradução nossa. Disponível em: <http://en.theeuropean.eu/chantal-mouffe--3/7859-fighting-right-wing-populism-in-europe>

outras possíveis. Daí suas obras serem conhecidas como pós-marxistas (LACLAU e MOUFFE, 2015: 36).

Há aqui uma clara aproximação entre Mouffe e Laclau e aquela agenda proposta por Nancy Fraser no início da década de 90. Fraser (1995) defende a tese de que políticas de redistribuição, ou seja, as demandas da classe trabalhadora, devem estar conectadas com as políticas de reconhecimento, aquelas da agenda identitária contra o racismo, o machismo o sexismo etc. Em tempos mais recentes, Fraser passou a propor essa necessária articulação entre redistribuição e reconhecimento a partir de um discurso populista de esquerda, tal qual Mouffe e Laclau.

Para mim, "populismo" não é uma palavra negativa. Jan-Werner Müller publicou um livro em 2016 dizendo que o populismo é inerentemente antidemocrático, excludente, persecutório, etc. Eu não concordo com isso, acho que é uma má definição do termo. Eu me sinto muito mais próxima de alguém como Ernesto Laclau, que viu o populismo como uma lógica que poderia ser articulada de muitas maneiras diferentes. É verdade que existem populismos reacionários, mas nem sempre é o caso. (...) Eu acho que há uma chance de ganhar e convencer mais pessoas agora usando uma retórica populista, mas, claro, tem que ser um populismo de esquerda³.

Em síntese, do ponto de vista analítico, como lógica articulatória o populismo não tem conteúdo, ele pode ser de esquerda ou de direita, de acordo com a forma como a ideia de "povo" é construída. Mas se há um elemento em comum que as experiências populistas utilizaram nos últimos anos, seja o de direita, seja o de esquerda, é a corrupção como instrumento discursivo. Ao delimitar a fronteira entre o "nós" e o "eles", todos esses movimentos passaram a acusar de corrupção os seus respectivos adversários no poder. Como veremos, foi isso que Trump fez

³ Opera Mundi, 19.09.2017. Disponível em:
<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/geral/48014/nancy+fraser+todo+movimento+emancipador+atual+pre+visa+adquirir+uma+dimensao+popular+.shtml>

contra Clinton nos Estados Unidos, Bolsonaro contra o PT no Brasil, López Obrador no México e o Movimento 5 estrelas na Itália. Nessa construção discursiva, o sistema corrupto precisaria ser salvo por esses novos atores de fora da política.

A eleição de Donald Trump nos Estados Unidos

“O populista Trump chega à Casa Branca agitando a bandeira do nacionalismo”, disse o El País⁴. “Trump se fecha no mundo do nacional-populismo”, afirmou o editorial de O Globo⁵. “Trump leva o populismo de direita à Casa Branca”, foi o título de um artigo da Revista Época⁶. Já o editorial do Estadão sobre a eleição de Trump alertou: “A volta do populismo”⁷. Há praticamente uma unanimidade na interpretação da grande imprensa de que Donald Trump adotou o discurso populista como forma de alcançar a vitória na eleição presidencial dos Estados Unidos em 2016.

Quando as primárias partidárias tiveram início em fevereiro de 2016, poucos acreditavam que um outsider como Donald Trump no Partido Republicano poderia realmente ser oficializado como candidato presidencial cinco meses depois. Mas o resultado eleitoral no primeiro estado a realizar as prévias, Iowa, em 02 de fevereiro de 2016, demonstrou que não seria fácil a vida do *establishment* partidário. No Partido Republicano, o senador Ted Cruz obteve 28% dos votos contra 24% de Trump. Ao longo dos cinco meses seguintes Trump ultrapassou Cruz e foi coroado candidato presidencial pelo Partido Republicano.

Bilionário empresário e apresentador de televisão, Donald Trump já esteve filiado tanto no Partido Republicano quanto no Democrata. Dono de hotéis e cassinos, Trump já foi inclusive o dono do concurso de beleza *Miss USA*. Sua marca foi a construção de um discurso contra o *establishment* político estadunidense. O

⁴ El País, 20.01.2017. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/20/internacional/1484928539_924950.html

⁵ O Globo, 21.20.2016. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opiniao/trump-se-fecha-no-mundo-do-nacional-populismo-20327242>

⁶ Revista Época, 09.11.2016. Disponível em: <http://epoca.globo.com/sociedade/ruth-de-aquino/noticia/2016/11/trump-leva-o-populismo-de-direita-casa-branca.html>

⁷ Estadão, 11.11.2016. Disponível em: <http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,a-volta-do-populismo,10000087697>

populismo, como já vimos, não constitui um conteúdo específico. O que lhe define é a forma como articula o “povo” contra uma determinada “elite”. “A pergunta de amanhã é: quem vocês querem que governe a América, a classe política corrupta ou o povo?”, bradou Trump na véspera da eleição⁸. Povo *versus* elite, essa era a narrativa populista de Trump.

No caso de Trump, a construção do povo passava por trazer a velha classe trabalhadora do chamado “cinturão da ferrugem” de volta para a cena política. Por muitos anos essa região do “cinturão da ferrugem”, que abrange estados como Ohio, Michigan, Wisconsin, Illinois e Indiana, foi um polo de produção industrial no país, com uma forte organização sindical. A globalização, os tratados de livre comércio - como o NAFTA - e o neoliberalismo levaram à desindustrialização da região, o que atingiu em cheio esses trabalhadores, que perderam seus empregos ou viram seus salários baixarem. A narrativa protecionista e anti-imigração surgiu como um oásis discursivo para esses trabalhadores que votaram em massa em Trump. Esse era o povo de Trump e seus inimigos eram os imigrantes – latinos em geral e mexicanos em particular - e a elite financeira dos grandes centros urbanos que estaria pouco interessada na manutenção dos empregos no país (JUDIS, 2017).

O recente populismo de direita estadunidense não nasceu com Trump, mas com o *Tea Party*. O *Tea Party* surgiu no início de 2009 como resposta ao plano de resgate econômico aos bancos que fora proposto em 2008. Tratava-se, inicialmente, de uma série de protestos locais contra a política econômica nacional, mas que, posteriormente, incorporou outras agendas, como o combate à proposta de reforma do sistema de saúde feita por Obama. E sua influência é crescente. De acordo com Michael (2016), “o Tea Party é um movimento que congrega mais de dois mil grupos locais e nacionais”. A partir de uma sondagem CNN//*New York Times*, Botelho (2010) constatou que “os *tea partiers* são majoritariamente brancos (89 por cento), do sexo masculino, casados e têm mais de 45 anos”. Curioso notar

⁸ El País, 16.11.2016. Disponível em:
https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/14/internacional/1479150607_282338.html

que, não obstante esse perfil social de “homens, brancos, velhos”, uma de suas principais lideranças é a ex-governadora do Alasca Sarah Palin. Com apoio do *Tea Party*, Palin foi a candidata a vice-presidência da república na chapa do Partido Republicano em 2008. Destacam-se ainda na liderança do *Tea Party* o ex-congressista pelo Texas, Ron Paul, e seu filho, Rand Paul, senador pelo Kentucky, ambos republicanos. Por tudo isso, embora seja um movimento social, o *Tea Party* é também considerado por muitos como a ala extrema-direita do Partido Republicano. Em outras palavras, o que o *Tea Party* organizou foi um populismo de direita renovado para o século XXI.

Grande parte das lideranças do *Tea Party* apoiou Donald Trump no Partido Republicano. A linha de continuidade que seguia do populismo de direita do *Tea Party* até a narrativa eleitoral de Trump era nítida. A construção do povo americano em oposição a dois inimigos bem particulares: no âmbito político, o *establishment* governante, incluídos os próprios dirigentes do Partido Republicano; no âmbito social, os imigrantes mexicanos e muçulmanos que supostamente tiravam o emprego dos americanos nativos – por óbvio, no discurso de Trump os nativos não são os indígenas, mas sim os brancos. “Donald Trump dá voz a muitos americanos que se sentem abandonados por Washington, Wall Street e os grandes meios de comunicação social”, sustenta Michael (2016). Seu slogan, “tornar a América grande novamente”, produz ao menos duas imagens nos eleitores: “no plano externo, uma América respeitada, influente e razoavelmente temida, impondo um tipo de ordem e segurança estável no mundo; no plano interno, uma América próspera, de pleno emprego e salários altos, onde a mobilidade social não é uma miragem mas uma realidade palpável” (BOTELHO, 2016). De acordo com George Michael, “a versão de direita do populismo atual, do qual o Tea Party é o principal exemplo, vê o governo como o problema e não como a solução” (MICHAEL, 2016). A vitória de Trump exigiu uma reorganização do *establishment* do Partido Republicano. Como nos mostra Michael (2016), “o sucesso eleitoral de Donald Trump ilustra a insatisfação aguda que muitos conservadores americanos têm com a ala tradicional do Partido Republicano”.

Além do conteúdo conservador, um elemento forte no discurso de Trump foi a denúncia de que sua adversária seria corrupta. "Hillary Clinton pode ser a pessoa mais corrupta que já buscou a Presidência dos Estados Unidos", disse Trump em junho de 2016⁹. Esse tema foi recorrente em sua campanha. Dois meses depois uma nova declaração polêmica mobilizou a imprensa: "Os Clinton passaram décadas enchendo os bolsos, se ocupando de seus doadores, em vez do povo americano. Agora está claro que a Fundação Clinton é a empresa mais corrupta da história política. Deve ser fechada imediatamente", defendeu Trump¹⁰. Em outro discurso, dessa vez na Flórida, em outubro de 2016, declarou: "o nosso movimento visa substituir um establishment falhado e corrupto por um governo controlado por você, o povo americano" (MUDDE e KALTWASSER, 2017, p. 43). Mas o ápice da construção dessa narrativa se realizou no debate presidencial de outubro de 2016 quando Trump anunciou que, se fosse eleito, Clinton iria para a prisão. "Se vencer, darei instruções ao procurador-geral de justiça para que nomeie um procurador especial para que investigue a sua situação porque nunca houve tanta mentira e tanta coisa oculta", ameaçou Trump¹¹.

A eleição da Liga e do Movimento 5 Estrelas na Itália

A história do Movimento 5 Estrelas, M5S, começou em 2007 com a entrada na política do popular comediante italiano Beppe Grillo. Ao organizar o chamado *Vaffanculo Day*¹², ou apenas *V-Day*, um protesto em Bolonha com milhares de pessoas contra os políticos tradicionais, Grillo percebeu sua enorme capacidade de mobilização política. Durante o *V-Day* foram recolhidas assinaturas para um projeto de lei de iniciativa popular com o objetivo de impedir que candidatos com ficha criminal pudessem disputar eleições. Algo semelhante ao que foi a Lei da Ficha Limpa no Brasil. Na ocasião, cerca de 336 mil assinaturas foram coletadas

⁹ UOL, 22.06.2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2016/06/22/trump-acusa-hillary-de-corrupcao-e-ataca-seu-historico-politico-e-pessoal.htm>

¹⁰ G1, 22.08.2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/08/trump-acusa-fundacao-clinton-de-corrupcao-e-pede-seu-fechamento.html>

¹¹ G1, 09.10.2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/10/hillary-clinton-e-donald-trump-se-enfrentam-no-segundo-debate.html>

¹² A tradução livre seria algo como "Dia do Vai se F***...", um termo ofensivo.

ultrapassando o número necessário. A partir daí a percepção era clara: o movimento das ruas precisava se institucionalizar. Ao lado de Gianroberto Casaleggio¹³, seu braço direito, Grillo fundou então um partido político tendo como base as convicções surgidas no *V-Day*.

Para um iniciante, sua primeira participação eleitoral pode ser considerada vitoriosa. Em 2012, Federico Pizzarotti recebeu 60% dos votos e foi eleito prefeito de Parma, o primeiro prefeito do partido em uma das maiores cidades da Itália. Nas eleições legislativas de 2013 alcançou 25%, ou 109 das 630 cadeiras da Câmara dos Deputados, enquanto no Senado foram 54 das 315 cadeiras, ou 24%. Logo em seguida, na eleição para o Parlamento Europeu em 2014, o partido obteve 17 das 73 cadeiras italianas, ou 21%. No pleito municipal de 2016 veio o segundo sucesso eleitoral. Primeiro com a vitória da jovem advogada de 37 anos, Virginia Raggi, como prefeita de Roma. Diga-se de passagem, a primeira mulher prefeita desde que a cidade foi fundada há 2700 anos atrás. Em seguida com a também jovem, Chiara Appendino, de apenas 31 anos, em Turim.

Algumas dessas gestões, por motivos diversos, foram polêmicas. Virginia Raggi causou surpresa ao mundo ao anunciar que Roma não teria mais interesse em sediar a Olimpíada de 2024. "Não temos nada contra as Olimpíadas, mas elas viraram um negócio. Na prática, elas são uma espécie de cheque em branco assinado pelos países-sede. As Olimpíadas são um sonho que se torna pesadelo. É um negócio para os grandes lobbies, os grandes construtores", disse a prefeita ao anunciar as razões para a retirada do pleito que havia sido firmado por seu antecessor.

Ao contrário de outros partidos europeus recentes como *Podemos* e *Syriza*, que possuem uma identificação muito mais clara com a esquerda, o M5S pode ser caracterizado mais como um partido anti-sistêmico, no sentido de atuar contra o *establishment* italiano. Um dos grandes motes do M5S é a democracia direta tendo como instrumento a participação pela internet, o que poderia aproxima-lo de um

¹³ Co-fundador do M5S em 2009 e número 2 do partido desde então, Gianroberto Casaleggio faleceu em 2016. Casaleggio era o responsável por toda a estratégia de comunicação do partido na internet.

programa de esquerda. Outra característica forte do partido é o seu Euroceticismo, ou seja, a desconfiança em relação à União Europeia. Há também propostas que o identificam com a direita do espectro político, como a recusa aos imigrantes na Itália. Também a ideologia neoliberal pode ser identificada na forma pelo qual seus gestores são escolhidos, não pelo critério político, mas meramente técnico através da seleção de currículos¹⁴. Foi o que fez Federico Pizzarotti à frente da prefeitura de Parma, por exemplo. Trata-se, portanto, de um partido cuja preocupação central reside mais em denunciar a corrupção política do que em defender propostas de redução da desigualdade. Daniel Aarão Reis parece ter captado bem esse sinal dúbio que o M5S transmite. Em suas palavras, “as direitas e os fascistas não confiam nele. As esquerdas tradicionais o acusam de “fazer o jogo da direita”. Grandes interesses econômicos o caracterizam como “populista””. (AARÃO REIS, 2016).

Em 2017, Grillo foi substituído por Luigi Di Maio como líder do partido. Sob a liderança de Di Maio, esse populismo do M5S atingiu seu ponto mais alto com as eleições legislativas de março de 2018. Com 227 cadeiras dentre as 617 disponíveis, o M5S foi o partido mais votado para a Câmara dos Deputados. Para alcançar a maioria necessária para formar um governo, o M5S estabeleceu uma coalizão de governo com a também populista, mas de extrema-direita, Liga Norte, liderada por Matteo Salvini, que obteve 122 cadeiras. Assim, em junho de 2018, um nome independente foi indicado pelos dois partidos para ser o novo primeiro ministro do país: Giuseppe Conte.

A eleição de Jair Bolsonaro no Brasil

Em outubro de 2018, foi a vez do populismo de direita ser vencedor no Brasil. Com uma candidatura *outsider*, o então deputado federal Jair Bolsonaro filiou-se ao pequeno PSL e lançou-se na corrida presidencial de 2018 com um programa de extrema-direita. Capitão do exército, com respaldo entre militares, policiais e

¹⁴ Há um bom artigo de Raffaele Laudani publicado no *Le Monde Diplomatique* sobre a meritocracia no M5S. Ver LAUDANI, Raffaele. Um homem providencial para a Itália. 02 de Setembro de 2012. Disponível em <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1247>

evangélicos, Bolsonaro desfez a tradicional polarização política brasileira entre a centro-direita, PSDB, e a centro-esquerda, PT. Chegou em primeiro lugar no primeiro turno e disputou o segundo turno contra o PT. Sua vitória repetiu a fórmula estadunidense de Trump.

A campanha de Bolsonaro girou em torno de posicionamentos contraditórios: se por um lado expressava símbolos nacionais próprios dos militares – as camisas e bandeiras verdes e amarelas eram presenças constantes na campanha -, por outro, seu programa anunciava o desejo de privatizações para que empresas dos EUA entrassem no mercado brasileiro. Mas um tema chamava a atenção mais do que qualquer outro: a agenda do combate à corrupção. De acordo com o programa de televisão de Bolsonaro, o PT levou o país para sua "maior crise ética, moral e financeira da história"¹⁵. Portador de um discurso moralista de sociedade, o militar Bolsonaro seria o único capaz de acabar com a corrupção no Brasil. Esse combate à corrupção como instrumento da luta política é artimanha antiga na sociedade brasileira. Estudioso do tema, Jessé de Souza avalia assim esse uso da corrupção:

Em literalmente todo os casos a classe média conservadora foi usada como massa de manobra para derrubar os governos de Vargas, Jango e agora Lula-Dilma e conferir o “apoio popular” e a consequente legitimidade para esses golpes sempre no interesse de meia dúzia de poderosos. A corrupção e sua vagueza conceitual é sempre o mote que galvaniza a solidariedade “emocional” das classes medias, que se imaginam moralmente superiores às outras classes., e confere respeitabilidade moral e política a esses assaltos à soberania popular (SOUZA, 2015, p. 257).

Em síntese, a tese de Souza é a de que o uso da corrupção como discurso político é recorrente na história política brasileira como forma de retirar governos de esquerda do poder.

¹⁵ Terra, 12.10.2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/programa-de-bolsonaro-na-tv-acusa-pt-de-levar-pais-a-beira-do-abismo-haddad-denuncia-onda-de-violencia,eb3a33cc04207fc38f229815091d06afifzytd9q.html>

A eleição de López Obrador no México

Dos casos aqui selecionados, o único que representa um “populismo de esquerda” é o de Andrés Manuel López Obrador. Eleito presidente do México em julho de 2018, Obrador chegou ao poder após uma forte campanha de denúncia da corrupção do sistema político mexicano.

Obrador possui uma longa história na política mexicana. Filiou-se ao tradicional Partido Revolucionário Institucional, PRI, em 1976 e lá permaneceu até 1989. Militante de uma dissidência de esquerda do PRI, a chamada *Corriente Democrática*, Obrador sai do PRI em 1989 e participa da fundação do Partido da Revolução Democrática, o PRD. Já no primeiro ano de fundação do PRD é eleito presidente do partido no estado de Tabasco e, em seguida, eleito presidente nacional do PRD de 1996 até 1999. Em 2000, foi eleito pelo PRD governador do Distrito Federal, em um mandato até 2005. No ano seguinte, deu seu primeiro passo em direção à presidência do país. Foi candidato na eleição presidencial de 2006 pelo PRD. Pelo resultado oficial, Obrador ficou em segundo lugar com menos de 1% de diferença para o primeiro colocado. O PRD, no entanto, não reconheceu a derrota, e acusou de fraude eleitoral a vitória de Felipe Calderón, do PAN. Como nos indicam Mudde e Kaltwasser (2017), Obrador construiu desde o início o populismo como forma de articulação política.

O PRD adotou desde o início um discurso populista, por forma a apresentar o seu líder – inicialmente Cárdenas e depois Andrés Manuel López Obrador (AMLO) – como um ‘humilde homem do povo’, empenhado em construir uma verdadeira democracia para todos os mexicanos (MUDDE e KALTWASSER, 2017, p. 110).

Em 2012, Obrador concorreu novamente pelo PRD à presidência e, mais uma vez, terminou a eleição em segundo lugar, dessa vez atrás de Enrique Peña Nieto, do PRI. Já naquele momento era claro o discurso de Obrador contra a corrupção. Como nos indica Bolívar Meza,

López Obrador comenzó su campaña electoral el 30 de marzo de 2012, señalando que lo que iniciaba ese día sería definitivo para el

futuro del pueblo y la nación, por lo que en las elecciones de julio se decidiría si continuaba más de lo mismo, es decir, si continuaba el régimen de corrupción, injusticias y privilegios que a su juicio estaba destruyendo a México, o si entre todos los mexicanos hacían valer un cambio verdadero que significaba honestidad, justicia, seguridad y tranquilidad para todos (BOLIVAR MEZA, 2014).

Foi no processo da eleição de 2012 que surgiu o Movimento Regeneração Nacional, MORENA, organização da sociedade civil que apoiou a candidatura de Obrador. Em 2014, o MORENA se transformou em partido político, sob a liderança de Obrador. Finalmente, em 2018, em sua terceira disputa presidencial, dessa vez candidato pelo MORENA, consagrou-se presidente do país. “Vamos a desterrarla del país y solo con eso vamos a tener presupuesto, evitando que se sigan robando miles de millones de pesos, que se utilizarán para financiar el desarrollo”, dizia durante a campanha presidencial de 2018¹⁶. As possibilidades do crescimento do MORENA a partir de um discurso contra a corrupção já eram explicadas por Espinoza Toledo em 2016:

La debilidad del PRD y del PAN, así como la pérdida de credibilidad y legitimidad del Presidente de la República derivada de la inseguridad, del conflicto de interés y la corrupción, de la depreciación del peso, de la baja del precio del petróleo, del estancamiento de la economía y de la inoperancia de las reformas aprobadas en el marco del *Pacto por México*, pueden apuntalar la oferta alternativa de López Obrador (ESPINOZA TOLEDO, 2016).

Considerações finais

Ao longo do presente artigo busquei demonstrar como o populismo, seja de direita, seja de esquerda, articula como prática discursiva o combate à corrupção. Tendo Laclau como referencial teórico, compreendemos como as experiências listadas – Trump nos EUA, Bolsonaro no Brasil, Obrador no México, e Liga e M5S na Itália – delimitaram a fronteira agonística contra sistemas políticos tradicionais

¹⁶ Siempre!, 21.11.2017. Disponível em: <http://www.siempre.mx/2017/11/proyecto-de-amlo-promete-acabar-con-la-corrupcion/>

acusados de corrupção. Como se viu, a pesquisa teve um caráter exploratório o que significa que um maior aprofundamento ainda é necessário. De qualquer modo, acreditamos que essa seja uma contribuição positiva para estudos que articulem a corrupção como forma discursiva da política e o populismo.

Referências bibliográficas

AARÃO REIS, Daniel. A loba de Roma. In: **O Globo**. 28 de junho de 2016.

BOLIVAR MEZA, Rosendo. Morena: el partido del lopezobradorismo. **Polis**, México, v. 10, n. 2, p. 71-103, dic. 2014.

BOTELHO, Teresa. O novo populismo conservador do movimento Tea Party e as intercalares americanas. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 27, p. 105-114, set. 2010.

_____. A implosão anunciada do Partido Republicano: Populismo americano em tempo de incerteza. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 51, p. 43-56, set. 2016.

ESPINOZA TOLEDO, Ricardo; NAVARRETE VELA, Juan Pablo. MORENA en la reconfiguración del sistema de partidos en México. **Estud. polít. (Méx.)**, México, n. 37, p. 81-109, abr. 2016.

FRASER, Nancy. From Redistribution to Recognition? Dilemmas of Justice in a 'Post-Socialist' Age, **New Left Review**, 1/212, July-August, 1995.

JUDIS, John. **A explosão do populismo**. Lisboa: Editorial Presença, 2017.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. São Paulo: Três estrelas, 2013.

_____; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista**. São Paulo: Intermeios, 2015.

MICHAEL, George. A nova onda populista nos Estados Unidos. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 50, p. 23-38, jun. 2016.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populismo: uma brevíssima introdução**. Lisboa: Gradiva, 2017.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira**. São Paulo: LeYa, 2015.